

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 593	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	6120	15 DE JUNHO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



SÉ DE LISBOA, ONDE FOI BAPTISADO SANTO ANTONIO

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)



## CHRONICA OCCIDENTAL



A cidade tão constantemente amortecida, que azafama não vae por essas ruas! Ao fim de sete seculos, Santo Antonio ainda faz milagres.

Abandonou o throno pequenino, torrado de retalhos de papel barato, com florõesinhos de chumbo pintado e castiças com fosforos de cera, arrumado ao canto do portal, e cresceu, cresceu, fez-se enorme, falou até em querer um grande throno no Arco da rua Augusta. Sahu-se philanthropo, philosopho, em vez de santo,

segundo alguns disseram. Mas para engrandecel-o, deitaram-lhe o binoculo, como creanças pequenas, ás avessas.

O facto é que não se fala senão em festas, procissões, fogos de artifício, espectáculos, toiradas, conferencias. As imagens do thaumaturgo surgem-nos por toda a parte, perseguem-os por todas as esquinas, vidraças, lojas, em vulto, em oleographias, em registros. As bandeiras tremulam aos ventos, as illuminações continuam o pleno dia até alta noite, as bolsas abrem-se, os cofres despejam-se, para que outras se escancarém, para que outros abarrotem.

E dizia, ha dias, uma freirinha:

— Deixal-o. Estou convencida de que Santo Antonio gosta de tudo isso.

Porque é assim a crença geral. Santo Antonio de Lisboa representa no christianismo portuguez a summa bondade, a compaixão para todas as pequeninas miserias. E' elle quem casa as raparigas pobres, elle quem acha as coisas perdidas, elle quem sabe guiar as cartas no seu caminho — S. A. T. G. *Santo Antonio te guia* — como d'antes escreviam as devotas n'um dos cantos inferiores do sobrescripto.

Podem á vontade philosophos, historiadores, paleographos, antiquarios revelar-nos que o nosso grande Santo foi um facho luminoso em meio das trevas da idade media, um percursor de Luthero e tudo quanto quizerem, até que pareça mal a um Santo, que elle foi e ha de ser sempre a alegria das crianças, a devoção das solteiras, ha de gostar de bombas e de amores e ouvirá attento sempre os reverentes Padre Nossos contra o Demonio, que se diverte a esconder as coisas.

Entretanto, pouco fiadas na concorrência dos forasteiros aos espectáculos, algumas das empresas, que durante o inverno dirigiram os theatros de Lisboa, entenderam mais conveniente para os seus cofres partirem a buscar fortuna n'essa maravilhosa terra que se chama Rio de Janeiro e onde tantos braços amigos acolhem carinhosamente os artistas portuguezes.

Com intervallo de poucos dias abalarão para as terras de além-mar as companhias de Sousa Bastos e de Reis Taveira.

Aquella leva como director de scena Acacio Antunes, um poeta humoristico muito distincto, auctor de um encantador livro de versos e um dos traductores mais apreciados no theatro de D. Maria e Trindade. O resto da companhia com excepção de Queiroz, velho e magnifico actor comico, é todo conhecido das platéas brazileiras, que tanta vez applaudiram Joaquim Silva, Alfredo de Carvalho, Joaquim Costa, etc. Sousa Bastos partirá brevemente acompanhando sua esposa a actriz Palmira, uma das mais fulgentes esperanças do theatro portuguez e que o publico do Rio de Janeiro tanto applaudirá agora no endiabrado *Frivolino do Sal e Pimenta*, como a applaudiu quando, como uma das primeiras ingenuas da companhia, ali foi, ha dois annos, com a empresa do theatro normal.

Enthusiastica recepção terá igualmente a companhia de Reis Taveira que leva no seu elenco algumas primeiras estrellas, que o Brazil desconhece, e muitos dos nossos melhores actores de opera comica.

Mas, se algum, mais que todos, no Brazil ha de ser recebido como irmão querido, será por certo Cyriaco de Cardoso, um talento colossal, um coração d'ouro, uma das mais extraordinarias orga-

nizações artisticas que teem florescido em Portugal. As musicas populares, que brotaram em horas inspiradas da sua alma tão genuinamente portugueza, hão de nos olhos dos expatriados acordar lagrimas saudosas entre os risos da comedia. Director de orchestra contractado por Taveira, ha de com a sua batuta milagrosa fazer passar, ante os olhos deslumbrados, paisagens longinquoas, perfumadas pelas flores da patria; um outro céo ha de girar com as suas constellações brilhantes em torno d'esse cristallino constante no mesmo sitio, que da nossa janella vemos sempre sobre os ramos da mesma arvore, verão e inverno, e que se chama a Estrella do Norte; rios cristallinos hão de correr entre os choupos e os salgueiraes; rostos queridos, envelhecidos pelos annos e pelas saudades, hão de sorrir, chamando os filhos que estão longe. São os gemidos dos instrumentos acordando, fazendo vibrar misteriosamente, sympathicamente, as cordas das nossas almas. A primeira noite em que Cyriaco de Cardoso se sentar na sua cadeira de maestro será para elle a do seu maior triumpho, de maior gloria, de maior alegria.

Talvez uma lagrima lhe caia pela face, mas será essa de saudades pelo amigo morto, por aquelle de quem o grande artista se despediu no cemiterio poucos dias antes de partir e que tem o tumulo voltado para o sudoeste, na encosta do monte, onde chega, virgem de contactos na terra, o vento que vem de longe, de muito longe, embalsamado ainda pelas exhalações do mar.

Cyriaco de Cardoso foi para o Brazil acompanhado por sua mulher e filhas. Que as auras cheias dos perfumes inebriantes e opulentos d'essas regiões uberrimas o bafejem e que nos volte triumphante, glorioso, feliz, como nós o desejamos, o que é decerto ainda mais do que elle proprio.

Fechado o theatro da Trindade pela partida da companhia, fechado o theatro do Gymnasio, apenas conservam as portas abertas o theatro D. Amelia, onde se representa com exito o *Santo Antonio* de Braz Martins, o da Rua dos Condes, em maré de rozas com o seu *Zaz-Traz* e o de D. Maria que vae recordando peças velhas, enquanto Brazão se não restabelece completamente.

Houve entretanto esta semana um espectáculo que attraia ao theatro enorme concorrência. Tratava-se de prestar uma derradeira homenagem ao talento de Gervasio Lobato. Os proprietarios do theatro D. Amelia e o director da actual empresa exploradora cederam generosamente a sala; os primeiros artistas portuguezes, actores e actrizes de todos os theatros, muitos poetas, Raphael Boddallo, D. Izabel Gomez, a notavel artista que ha semanas se estreiou cantando maravilhosamente a parte de D. Sol no *Ernani*, Augusto Pina, notiveis maestros portuguezes, Hiarrio, o excellent bohemio, um coração d'ouro, todos se offereceram para que a homenagem fosse digna d'aquelle a quem era prestada, digna do publico que tão avidamente disputou para elle os logares.

Ergueu-se o panno. A orchestra tocou a symphonia *In memoriam*, obra inspiradissima de Victor Hussla. O palco fôra decorado pelo Raphael com todo aquelle sentimento que o caracteriza. O busto de Gervasio, que o mesmo artista, compuzera em tres dias, era illuminado em cheio entre a verdura. Os amigos do querido morto que haviam formado a commissão organisadora do espectáculo, achavam-se no palco juntamente com as actrizes encarregadas da recitação dos versos e todos os mais artistas que quizeram tomar parte n'essa homenagem a quem foi o mais fecundo de todos os auctores portuguezes modernos escrevendo para o theatro. Todas as empresas theatraes se achavam representadas.

Aos primeiros compassos de musica estabeleceu-se o silencio. O panno ergueu-se. E aquelle que tanta vez na vida estorcera em risos as platéas fez derramar então muitas lagrimas.

Mas o espectáculo terminou pela representação do terceiro acto do *Commissario de Policia*, e a Jesuina, o Cardoso, o Valle, a Barbara, o Silva Pereira vieram para ali narrar suas ridiculas desgraças, seus vulcanicos amores, suas tenebrosas confusões, seus pomposos ideaes. O Cardoso explicou como, não tendo podido arranjar testemunhas oculares, arranjara testemunhas oculistas; o Valle puxando a pera fez figura adeante da Jesuina; a Barbara ostentou as maravilhas da sua toilette comprada á custa da sorte grande que o Silva Pereira, seu marido, nunca apanhara. E toda a gente ria...! ria...! E quem depois n'essa noite, passasse pela rua junto ao theatro, talvez ainda ouvisse lá dentro o ecco a prolongar a gargalhada.

E só elle, o Gervasio, poderia ser auctor de tal milagre. Só elle, depois de tantas lagrimas de ta-

manha dôr, poderia com o seu talento enorme ser causa de tanta alegria, trazer-nos tamanha consolação.

Era como se nos dissesse: — «Estou vivo. Vocês bem vêem que ainda não morri.

Só para os amigos morreu. Para os outros vive sempre.

E os outros que lhes importa?

Sopra o vento plangentemente junto á modesta sepultura na encosta do monte, e, cá em baixo, illumina-se a cidade, o povo apinha-se nas ruas.

A noite é de festa. São muitas noites de festa. São muitas noites de alegria.

João da Camara.

## SANTO ANTONIO

I



ão é para o meu curto folego nem para as dimensões d'um só numero d'este magnifico periodico, a biographia de Santo Antonio.

Tão facil é de remediar este inconveniente quão difficil me é o suprir aquelle. Sou portuguez, devo a Santo Antonio este enorme esforço: sou grato, — offerço o meu trabalho a Caetano Alberto. Irá isto n'uma serie de numeros do OCCIDENTE.

A minha maneira litteraria é a oratoria. O orador é por via de regra prolixo: d'ahi a enorme difficuldade de synthetizar.

Para acompanhar a presente gravura antonina vae este scorsso de juizo critico respeitante ao grandissimo vulto, que foi, é, e será — O Nosso Santo.

Mesmo os menos versados em historia sabem que a medievalidade foi um cahos de desordens de toda a forma.

Passam-se nos ultimos annos do duodecimo seculo e nos primeiros do decimo terceiro os factos que respeitam ao meu presente estudo. Rodam em volta da grande obra de Honorio III. Este Pontifice comprehendêra a lucta com os herejes d'aquelle tempo. Lucta de gigantes.

N'essa lucta teve dois auxiliares efficacissimos. Dois homens. Um d'elles era hespanhol, que é como quem diz homem dos meios fortes: o outro era italiano que é o mesmo que homem dos modos suavissimos. Foram elles S. Domingos, e S. Francisco. Quem quizer bem ajuizar de S. Domingos deve de lêr Lacordaire. Este profundo mestre da cathedra franceza pôz no devido logar o tão calumniado vulto notabilissimo de S. Domingos.

A obra de S. Francisco avaha-se facil e verdadeiramente pelos fructos d'ella. Um d'esses fructos, o fructo optimo por excellencia foi Santo Antonio<sup>1</sup>.

Nasceu em Lisboa, morreu em Arcella o Nosso Querido Santo.

Viveu somente 36 annos incompletos. Apenas durou o seu apostolado: 1221 a 1231, desde Rimini até Pádua.

Em tão curto periodo ninguem trabalhou, ninguem produziu tanto.

Canonisado pela opinião publica vivo ainda, como a verdadeira notabilidade primordial trocaram-lhe o proprio e tão glorioso nome por a anthomazia dos respectivos merecimentos: chamavam-lhe simplesmente — O Santo, ou cordealissimamente — O Nosso Santo.

Este *Nosso* somente se dá do coração e com o coração.

E' o titulo nobilitante que o regio beneplacito das grandes affeições humanas somente aos seus eleitos dá.

Notaveis criticos e bons theologos chamam a S. Francisco o Christo de Assis, e realmente o doce e manso pacificador dos pleitos medievaes do seu tempo mereceu bem tão augusto nome.

E porque foi um Christo, teve o seu Paulo. Santo Antonio pelo seu apostolado, pela sua eloquencia, pela prolificidade da sua propaganda é o

<sup>1</sup> De 15 de agosto de 1195 a 13 de junho de 1231. De Lisboa a Pádua.

verdadeiro apóstolo das gentes d'aquelle tempo. Santo Antonio completou S. Francisco.

O vidente de Assis, o phantasia da paz, foi sempre um asceta poetico.

As coisas praticas não eram do seu feitio. O luctador de Lisboa era um talento de eleição e um pratico de ingente valor.

Os sonhos do poeta ficariam na região das chimeras, se as positivities do luctador as não podessem por obra.

Com effeito: *Deus est caritas*. E' verdade. *Amor omnia vincit*. E' incontestavel. Mas quem transplanta as montanhas é a fé; e a fé é a mais genuína maneira da força de vontade, da pratica effectivante. Amor sem força de vontade nada pôde, nada effectiva. A actividade é a alavanca de todos os committimentos. O Nosso Santo foi sempre a personificação da actividade, da energia, da força de vontade.

Tão grande foi a sua actividade; acudia tão prompta e tão acertadamente onde a sua presença era necessaria, que lhe atribuíram o dom da ubiquidade.

E Rimini, a gasta, e Bologna a doctôra, e Montpellier a erudita, e Tolosa a irrequieta, e toda a Provença, tudo foi conquistado em cerca de dois annos por aquella energia enorme, por aquella actividade indizível, só comparaveis ao seu talento universal, e á sua disposição apostolar grandiosissima.

Depois, quando elle já aureolado por o renome de mil e uma victorias, e notabilizado com um dos mais elevados cargos da sua Ordem percorreu o Veneto e a Lombardia, de Ravenna a Veneza, de Veneza a Padua:

Depois, quando elle, desbancou, finissimo politico, os maiores enredadores Ghibellinos, os mais duros despotas, levando-os a tudo lhe concederem:

Depois ainda, quando elle ante os cathedricos de Padua se revelou economista singular, jurista notavel, sabio profundo, talento assombroso:

Se alem de tudo nós lembrarmos de que tudo isto se fêz no curtissimo tempo de cerca de quatro annos, se S. Francisco redivivo o podesse então ver, como elle o abraçaria, como elle se revelaria no — seu bispo —!

Como se veria completado n'elle e na sua obra, tão a ponto perfeitada pelo seu apóstolo das gentes!

— Luz da sabedoria — chamou-lhe um grande sabio; — martello das herezias — cognominou-o um grande Pontifice; mas o Mestre, mas o mundo do seu cyclo chamou-lhe algo mais, pois que lhe chamaram — O Seu —

O coração do mundo e o coração do Mestre, apesar de tão oppostos unidos por a immensa força d'aquella valia, entoaram assim o mais apoteotic hymno de glorificação gratissima a quem d'elles tanto bem mereceu.

— O Meu bispo — O Nosso Santo — são a mais completa syntheze panegirica de Santo Antonio.

De época a época surgem á face do mundo quejandos homens como fontes de luz, ou de energia, ou de salvação, ou de tudo isso. Parece que n'estas personalidades se concentra toda a vivificante força d'uma enorme série de gerações, d'uma grandissima syntheze de valores.

— Se concentra e esgota! —

Nem a familia nem a nacionalidade de Homero e de Camões; de Moysés e de Affonso Henriques; de David e de Viriato; de Alexandre e de Vasco da Gama; de Scião e de Nun'Alvares; de Richelieu e de Pombal; — de S. Paulo e de Santo Antonio mais deram d'ellas quem par lhes fosse ...

A obra do Nosso Santo deu ao mundo do seu tempo, ao cahos da medievallidade, uma enorme luz vivificante, uma dulcissima paz creadora: e deu á grei franciscana uma quasi universalidade de proselitismo, e uma solidez secular.

Pondo a nota do talento e da sciencia na familia e na religião minorita tornou-a respeitada dos atheneus, estimada das cidades, adorada dos povos, venerada dos reis, glorificada dos Pápas.

Chrisostomo no pulpito; Agostinho na cathedra, Origenes na Apologetica; Cyrillo no devotamento, austeramente virtuoso como o Baptista, profundamente misericordioso como o Mestre, tão poeta como Francisco de Assis e Gersem, mas ao mesmo tempo tão energico e activo como o Apóstolo das Gentes, — tal foi o nosso Santo. E para tanto ser nem condições d'atavismo lhe faltavam. O sangue de Godofredo de Bouillon estuava lhe nas veias ardores pela conquista... das almas dos serracenos d'alem-mar.

A sua obra teve pois a consagração da sciencia, e a canonisação do sentimento popular.

Vão sobre tudo isto já sete seculos. De Guelphos e Ghibellinos, de Ezzelinos e Fredericos quem se lembraria se a historia não fosse?!

Mas do Nosso Santo todos se lembram, todos se lembraram, todos se lembrarão. E este lembrar será sempre doce, sempre vivificante, sempre glorificador qual foi o caracter do Nosso Santo.

Até aqui o meu julgar e o meu admirar. Seguidamente — os factos em que firmei o meu juizo e aquilei a minha devotissima admiração respeitadamente a Santo Antonio, respeitadamente áquelle que tudo fez bem quanto intentou. D'ahi o parecer milagre quasi tudo o que elle fazia. Perante a critica historica o thaumaturgismo nada lhe acrescenta para que elle seja o primeiro vulto do seu cyclo; porém, perante a crença christã é o thaumaturgismo do Nosso Santo uma qualidade indispensavel. — E não será milagre dos milagres a perfacção d'uma tão grandiosa obra n'um tão pequeno periodo? Incomparavel vulto do monachismo! Immorredoura gloria da minha querida Patria!

Antonio d'Obidos.

## SÉ DE LISBOA <sup>1</sup>



descripção mais antiga que existe d'ella, acha-se no escripto do cruzado inglez Osberno, tantas vezes citado n'estes meus livros; preciosa, apesar de tão succinta! Diz elle!

*Templo erguido em sete renques de columnas (note-se) com outras tantas simalhas, isto é, talvez, com as suas competentes arcadas (?)*<sup>2</sup>.

Palavras vagas e escuras, d'onde, se não me engano, vai o leitor dentro em pouco ver jorrar torrentes de luz.

Parece, á primeira vista, que da traça antiga é impossivel achar vestigio, n'um templo, que em vez de seis naves, como as sete (vii) ordens de columnas querem indicar (admittindo mesmo que as duas ordens lateraes fossem conjunctas com a parede mestra), apenas tem hoje, e ha já seculos, tres naves. Pois é possivel, e muito possivel.

Peço ao leitor, que examinando com minuciosidade um plano da sé, procure seguir a minha argumentação.

Intentou o diligente conego Luiz Duarte Villela da Silva estabelecer com certeza o perimetro e as divisorias do templo, e nada conseguiu, com quanto lhe devesse, como elle confessa, *particular attenção* esta parte do seu estudo. Quiz eu fazer obra pelas minhas proprias observações, e fui-me estudar o assumpto, percorrendo a sé em 13 de janeiro de 1883.

Comecei por pesar bem as palavras de Osberno. Sete ordens de columnas? ha engano, suspeitava eu.

Sete ordens de columnas dão seis naves, com uma ordem de columnas ao meio do templo, o que é absurdo. Entrou-me logo a suspeita vaga de um lapso de copia; e para experimentar parti do principio de que no manuscrito do inglez estivesse seis em vez de sete (vi por vii, nada mais admissivel). Ora seis renques dão cinco naves, o que é verosimil.

D'essas cinco antigas naves já o intelligente Villela averiguara vestigio, pois — diz elle — *na casa onde se revestem os conegos em habitos choraes, se descobrem pedaços de columnas*<sup>3</sup>.

Do tempo de Villela até agora houve mudanças no regimen caseiro da sé; por exemplo: a casa onde se revestiam os conegos serve hoje para o senhor patriarcha se revestir e descansar quando vai ás festividades. Sua eminencia entra pela porta travessa no norte (chamada de Ferro, por ser gradeada); e este recinto onde se reveste toma dois quartos, ou camaras, desde a porta de Ferro até ao braço da cruz do cruzeiro. Ahi estive, graças ao meu respeitavel amigo o ex.<sup>mo</sup> conego thesoureiro-mór, João Antonio Ribeiro Pessoa Cabral, que foi o mais amavel, o mais incançavel dos cicerones.

<sup>1</sup> Este artigo é respigado na magnífica obra «Lisboa Antiga» do sr. Julio de Castilho (Visconde de Castilho), publicada pelo esclarecido editor sr. Manuel Ferreira, obra onde o auctor reuniu tudo o que tem investigado sobre a Lisboa do passado, sendo copiosa a noticia que dá da Sé de Lisboa, de que extractamos, com a devida venia o que se vai ler certos de que nada podiamos publicar de melhor sobre o assumpto.

<sup>2</sup> *Eorum templum, quod vii columpnarum ordinibus cum tot cumulis, in altum consurgit.* — *Port. Mon. — Script.* — pag. 405.

<sup>3</sup> Vide Memoria citada na Revista Universal, cap. v.

Ainda no alto da parede interior para o lado da rua, se veem uns capiteis grosseiros (não sei se alguma vez tiveram fuste até a baixo, ou se sempre assim foram), que são as misulas sobre que recahem os ribetes da abobada ogival. São, sem duvida, os *pedaços de columnas* a que se referia Villela.

Este recinto todo, paralelo ao eixo maior do templo, formava já por si uma nave, cujo outro lado era o que hoje é parede intermedia para a igreja. Dá idea da largura exacta de tal nave a dimensão da capella de Bartholomeu Joannes, que é a primeira da esquerda, em baixo, ao poente, perto da pia baptismal. As antigas columnas divisorias estão clarissimas ao longo da parede, e como a queixar-se dos diaphragmas que as reúnem.

A esta renque de columnas segue-se parallelamente outra renque; e ahi podemos pois imaginar já duas naves. Vem depois a nave central, cujo tecto é muito superior ao das outras. Depois a outra nave do sul; e enfim outro espaço, occupado pela vasta e bella sacristia, e que bem poderia tambem em tempo antigo ter sido outra nave praticavel.

Conte o leitor; e fazendo as concessões que indiquei, supponho cinco naves; das quaes só as tres do centro apparecem hoje, e as duas lateraes estão occupadas e isoladas por parede.

Com a devida cautela pois (repito), tenho por menos exacta a asserção de Osberno, quando nos diz *sete renques de columnas*; elle queria dizer: *seis renques*; os copistas do codice da universidade de Cambridge, d'onde veio esse precioso documento, escreveram vii em vez vi.

O aproveitamento das duas naves lateraes para officinas, como as que indiquei ha pouco, deve ser já muito antigo, a julgarmos pela estrutura da capella de Bartholomeu Joannes, que é tomada á antiga nave do norte. Ninguém pensou mais em seis naves; ficou o templo reduzido a tres. Assim o descreve em 1712 a *Chrographia* de Carvalho da Costa<sup>1</sup>: de tres naves, cercado de varandas e columnas por dentro, como *Sancta Sophia de Constantinopla*<sup>2</sup>.

Deviam pois ser cinco, segundo acabamos de ver, as naves no meio do seculo xii.

El-rei D. Affonso Henriques e o bispo D. Gilberto procederam necessariamente a obras consideraveis no templo e suas dependencias: mas quaes fossem essas obras ignora-se. Aponto a porta principal, e não vejo outra coisa, a não serem os gigantes da parte do norte.

Os gigantes, diz o dr. A. F. Simões, não apparecem commumente nas igrejas construidas antes do seculo xi, e apparecem com frequencia desde esse seculo até ao xiii<sup>3</sup>.

(Continua.)

Julio de Castilho.

## EGREJA DE SANTO ANTONIO DA SÉ



ESCONHECE-SE a origem da real casa de Santo Antonio, que é, desde muitos seculos, propriedade da cidade de Lisboa, sendo administrada pela respectiva camara municipal.

Diz-nos o auctor da *Guia de Portugal*, a paginas 36 da parte 1.<sup>a</sup> d'esta curiosa obra, que em 1147, quando Affonso Henriques conquistou a cidade de Lisboa, (isto é 48 annos antes do nascimento de Santo Antonio) existia a casa, que era proxima da porta da antiga cidade chamada a *porta de ferro* e situada no logar que se denominava *Pedreira da Sé*. Nada mais certo!

Mas, quando foi transformada essa casa na igreja onde se venera o milagroso santo?

Ha uma tal confusão nas noticias que os chro-

<sup>1</sup> Tom. iii, pag. 343.

<sup>2</sup> É fraquissima (ou antes é nenhuma) esta tão fallada semelhança da cathedral com Sancta Sophia de Constantinopla; e apesar d'isso todos repetem a mesma coisa: O templo actual de Sancta Sophia é bem conhecido pelas estampas; mas esse é renovação. Do antigo nada resta senão vagas descrições pelos historiadores gregos: templo em forma parallelogramica e coberto com um simples tecto de madeira. — Charles Texier, *L'architecture byzantine*, pag. 10.

<sup>3</sup> *Reliquias*, pag. 7, col. 2.<sup>a</sup>

## VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



REAL EGREJA DE SANTO ANTONIO, EM LISBOA

EDIFICADA NO LOGAR ONDE NASCEU SANTO ANTONIO

(Copia de uma photographia do sr. Rocchini)

# VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO

SUPPLEMENTO AO N.º 593 DO «OCCIDENTE»



## SANTO ANTONIO

RETRATO COPIADO DE UM QUADRO DO SÉCULO XIV PERTENCENTE AO EX.º SR. ANTONIO MAXIMO LOPES DE CARVALHO

(Desenho do sr. Christino da Silva — Gravura do sr. C. Alberto)



VISTA EXTERIOR DA BASILICA DE SANTO ANTONIO, EM PADUA, ONDE SE CONSERVAM OS RESTOS DO SANTO

(Copia d'una photographia)

nistas nos deixaram, que difficil é o apuramento da verdade. De todas essas noticias historicas que se referem a uma das maiores glorias da nossa nação, ao mais popular e glorioso santo do agiologio lusitano, vamos condensar n'este artigo descriptivo o que se nos affigura de mais provavel e reforçal-o com alguns documentos authenticos a fim de bem estabelecer a verdade dos factos.

Diz o sr. Eduardo Freire d'Oliveira, a pag. 532, tomo 2.º, da sua *Historia do Municipio de Lisboa*, que lhe parece não errar muito fixando a fundação da capella de Santo Antonio na segunda ou terceira quinzena do seculo XIII, talvez no reinado de D. Sancho II, que — observa o illustre e estudioso archivista do nosso municipio — «tinha pelo milagroso santo entranhadissima devoção vestindo até habito igual a d'elle».

Se bem que essa circumstantancia não seja prova com que nos possamos contentar, não duvidamos todavia que a esse tempo já existisse a capella do santo, mas que esta não existia no sitio onde depois se levantou a igreja é facto provado, como veremos no seguimento d'esta nossa descripção.

Pela bulla *Sedes Apostolica licet*, passada pelo papa Eugenio IV, em 14 de janeiro de 1433, se vê que a capella de Santo Antonio foi isenta da jurisdicção ordinaria do arcebispo e mais actoridades ecclesiasticas da Sé de Lisboa mas foi só quando D. João II e D. Manuel reinaram que uma grande parte da casa onde havia nascido o Santo se transformou n'um sumptuoso templo.

N'uma Carta do *Principe Perfeito* dirigida ao Senado da camara de Lisboa, datada de 15 de julho de 1495, se fala do projectado oratorio, sem que por isso fosse preciso abolir a antiga capella.

Eis uns periodos d'essa carta, reduzidos a linguagem correntia:

...quanto ao altar que me dizeis se faça, parece-me que não é bom como dizeis que se desfaça a confraria da outra casa; <sup>1</sup> Com os prelados se pôde fazer, como quer que nossa vontade é não se fazer mais do que quanto possa estar um *Retabolo* para ali irem fazer oração, mas as missas e outras cousas, se façam lá no outro oratorio, e parece-nos escusados o privilegio que nos enviaes pedir.

Affigura-se-nos que as ideias religiosas do piedoso rei foram porem mais longe não se contentando já com o retabolo, mas um oratorio pomposo.

Diz elle dois mezes depois, em 19 de setembro, no seu testamento feito na villa d'Alcaçovas e um mez antes da sua morte:

...«Tenho promettido fazer um oratorio a Santo Antonio, ali, naquella casa onde elle nasceu, em Lisboa. A obra me parece poder chegar a mil justos d'ouro <sup>2</sup> segundo a bondade e riqueza que eu queria que fosse, e que, se alguma cousa sobejasse se despendesse em outra obra que aproveitasse em serviço do dito oratorio; as quaes obras e cousas que assim tenho promettido peço a Nosso Senhor m'as deixe acabar com outras cousas, que, por Seu serviço, desejo fazer e em caso que Nosso Senhor tal não ordene e queira encurtar os meus dias, peço, rogo e mando a meu Testamenteiro, quanto eu posso, que todas e cada uma d'estas cousas faça e se cumpram mui inteiramente, segundo é minha vontade (*Provas da Hist. Geneal. da Casa Real, tomo 2.º, pag. 170*).

El-Rei D. Manuel deu-se pressa a cumprir esta clausula testamentaria do seu antecessor, mas o rei faustoso não se limitou ao simples oratorio: erigiu templo mais suptuoso e gastou sommas mais avultadas do que se haviam estipulado.

No templo, que então se levantou, existia no arco da porta d'entrada a seguinte inscripção.

*Joannes II. Emmanuel I  
Reges hoc opus construxerunt* <sup>2</sup>

O mesmo declara Antonio Coelho Gasco no seu livro das *Antiquidades de Lisboa, Cap. 35*. — diz elle: ao referir se á capella do Santo.

«O muito alto e muito poderoso rei D. João II d'este nome mandou em seu testamento passar esta capella do bemaventurado Santo Antonio da Sé donde estava, e que n'este logar que foi a propria casa donde nasceu, em sua honra se edificasse, por tanta razão, que aonde Nosso Senhor aprouve que tão bemaventurado santo nascesse, espirito de tanta sanctidade e digno de tanta ve-

neração, assim como natural desta cidade, intercessor della e dos Reis deste Reino fosse venerado E por ficar encommendado o cumprimento do testamento ao muito alto e muito poderoso rei D. Manoel, o primeiro d'este nome, a mandar fazer, para louvor de Deus e memoria das graças que este reino sempre lhe deve pela mercê que fez no desejado nascimento do muito alto e muito excellente principe D. Sebastião, a 20 de janeiro de 1554, que é o dia em que se celebra a festa do bemaventurado S. Sebastião, ordenou que Francisco Correia, que então era vereador e servia de provedor desta capella do bemaventurado Santo Antonio antes de entrar á Missa do dia o sacerdote que a houver de dizer levantasse em canto solemne o hymno *Te Deum Laudamus* para que todos que ouvirem venham a saber a razão desta nova extraordinaria solemnidade, e sabida tão obrigatoria cousa, como foi para sempre para estes reinos a memoria de tão grande beneficio, e por elle graças a Deus peçam polo intercessor o glorioso Santo Antonio a vida, e saude do principe nosso Senhor, com muitos e muitos perpetuos annos d'El-Rei, e da Rainha nossa senhora para seus serviços.»

(Continúa.)

Silva Pereira.

## A BASILICA DE PADUA

### I



SANTO ANTONIO, de Lisboa, esse homem superior que morreu perto de Padua em 13 de Junho de 1231, foi talvez o unico defensor da Fé a quem se prestou desde mais cedo a subida homenagem de que o seu talento rarissimo de profundo theologo e o seu acrisolado amor pelo Christianismo, souberam tornar-se credores a par de mil virtudes que lhe exaltaram o nome pela glorificação que lhe fez a Igreja.

E' que Santo Antonio fôra o santo por excellencia e assim vemos que ainda não decorrido um anno apoz a sua morte, o papa Gregorio IX, testemunha da sua eloquencia e das suas raras virtudes, celebrar a instancias dos habitantes de Padua, a canonisação do famoso thaumaturgo.

Teve lugar essa magna cerimonia na cathedral de Espolletto, a 30 de maio de 1232, onde então estava a curia romana.

Dia de grande festa, para Padua foi aquelle em que os nuncios paduanos trouxeram á sua cidade a bulla da canonisação. Logo no mez seguinte no dia do anniversario da morte do notabilissimo portuguez se celebraram grandes solemnidades em sua memoria.

As suas missões, na Italia foram aquellas em que mais trabalhou, dividindo a sua actividade entre o pulpito e a cathedra, e a sua fama, estendendo-se muito mais, assombrou o mundo inteiro.

Querido dos paduanos, a mais não poder ser, estes o tomaram por seu patrono e lhe vem rendendo ha sete seculos profundissimo culto, tão arraigado aos seus corações como o brilho da gloria eterna ao vulto sacrosanto de Antonio.

Padua, cidade cheia de tradições tem uma historia longa, accidentada, e Santo Antonio viveu alli, talvez, no momento mais critico que a historia regista.

Cidade antiquissima, attribue-se a sua fundação ao grego Antenor, o qual a edificou depois da guerra de Troya.

Sob o dominio dos romanos já *Patavium* gozava o direito de nomear ella propria os seus senadores.

Tomaram-n'a successivamente Allarico, Attila e os Lombardos.

Pelo começo do seculo X tambem os hungaros a destruíram e passado meio seculo, em 950, Padua era governada pelo imperador Othon.

Nos principios do XII seculo constituiu uma liga independente, entrando tambem na liga lombarda. Mas no anno de 1237 foi conquistada pelo feroz Ezzelino IV, cuja tyrannia insupportavel fez sentir a Padua toda a dureza do jugo que de novo se via reduzida a soffrer, pois que, Ezzelino foi o oppressor de maior energia e importancia de que nos conserva noticia toda a historia da Italia.

Auxiliada com os socorros enviados pelo papa, e por outras ligas, conseguiu a velha cidade vêr-se livre dos seus oppressores, chegando até a fazer algumas conquistas.

Foram as luctas intestinas, das poderosas fami-

lias rivales, luctas que então eram frequentes nas grandes cidades italianas, que pozeram ponto ao periodo de progressiva prosperidade que Padua ia disfructando, do que resultou nos ultimos seculos da idade media perder a independencia, que sob os successores de Carlos Magno que a restaurara, tinha adquirido, cahindo primeiro ao jugo de Cana della Scala e mais tarde, no XIV, era dominada pela poderosa familia dos Carraras.

No fim de uma serie de lutas incessantes, viu-se submettida, em 1405 pelos venezianos que a occuparam por traição, mas os quaes não bem a fortificaram que poude resistir aos ataques do imperador Maximiliano. Os francezes apoderaram-se d'ella no começo da revolução. E, quando se formou o reino de Italia, Padua era a capital do departamento de Brenta. Depois dos acontecimentos de 1815 fez parte do reino lombardo-veneziano, e, até 1866 esteve sob o dominio da Austria.

### II

Padua, a cidade de hoje, conserva ainda os vestigios que uma accidentada historia lhe deixou.

São grandes as obras de architectura militar que lá se vêem e as suas fortificações já datam do V seculo.

E' rodeada por solidas muralhas de forma triangular abertas em sete portas, defendidas por um fosso secco mas que se pode encher d'agua com relativa facilidade.

Construida sobre o antigo pantano de Patina, que lhe deu o nome, Padua assenta-se n'uma larga planicie de grande fertilidade. E' a capital do districto do seu nome e deve ter uns setenta mil habitantes. Rega-a o *Bacchiglione* e está ligada ao Adige e ás lagoas do Adriatico por varios canaes.

Crescido é o numero dos seus edificios. E' notavel a Universidade que o imperador Francisco II fundou em 1222, já pelo nome dos sabios professores como Galileu e outros que alli estiveram, já pela gloria de alguns dos discipulos taes como Dante, Petrarca e Tasso.

Mas de entre todos os filhos e hospedes illustres nenhum deixou rastro mais luminoso do que Santo Antonio.

Tito-Livio, Ascanio, Pedanio o jovem, um dos mais celebres grammaticos; Izabel Andreini comediographa e poetiza, Lourenço Pignorio, notavel antiquario, todos são naturaes de Padua, e a nenhum se tributou ainda as homenagens que Santo Antonio tem merecido, justamente, por que elle era nm sabio profundo. Não esqueçamos que Gregorio IX lhe chamou *arca do testamento novo e depositario secreto das letras sagradas*, tal era a sua erudição.

O observatorio astronomico, a bibliotheca publica, a academia, o palacio de Justiça em Padua são boas construcções; tendo todavia a cidade as ruas mal calçadas e de feio aspecto.

Das suas praças a mais notavel é a *Ile-Prato*, onde se realisa a grande feira de Santo Antonio, a 13 de Junho, a qual forma uma ilha, rodeada por um canal cujas margens estão adornadas com duas filas de estatuas de 74 dos mais celebres paduanos.

Na feira de Santo Antonio, que é importantissima, realisam-se grandes transacções sobre trigos, azeite, vinhos e gado.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

## Trovas para os cravos de papel da Praça da Figueira

Ao meu bom amigo Dr. José Joaquim Pereira Amado

Fiz do meu peito um sacrario  
Para o teu amor guardar,  
Do coração um thuribulo  
E da minha alma um altar.

Se tu na cruz me pregasses  
D'esses teus braços de fada,  
Fazia os cravos de beijos  
E... não te digo mais nada.

Quando eu te furtei um beijo,  
Vi tua face corar;  
Tinha a cor que tem a aurora  
Quando o sol a vem beijar.

Eu não sei o que é amor...  
Talvez seja este desejo  
Que me ficou desde o dia  
Eu que tu me deste um beijo.

<sup>1</sup> Provavelmente na Sé.

<sup>2</sup> Uns 600.000 réis.

<sup>3</sup> ... Sousa: *Historia Gen. da Casa Real*, Tomo III pag. 188.

O meu peito é qual guitarra  
Que quando canta é que chora,  
Como o céu que deita lagrimas  
Nas alegrias da aurora.

Vi uma rosa a chorar  
E quiz saber o que tinha,  
Respondeu-me: Não perguntes;  
Se o não sabes, adivinha.

E' que ella amava este cravo,  
Viviam n'um doce enleio,  
Mas elle ao vér-te deixou-a  
Só por morrer no teu seio.

Teu coração é de pedra,  
Não tem dó do meu tormento,  
Mas pedra que faz um lume  
Que me queima a fogo lento.

A saudade é uma planta  
Mui rara na primavera,  
Porém no resto do anno  
Não nos larga... é como a hera.

Santo Antonio!... Santo Antonio!...  
Abençoa este meu lar;  
Dizem que o amor é um sonho,  
Não me deixes acordar.

Junho, 1895.

Libanio Baptista Ferreira.

## UM SERMÃO DE SANTO ANTONIO



SERMÃO que publicamos, faz parte dos *Sermões de Santo Antonio*, que a casa editora do sr. J. Bastos successor da casa Bertrand, vai dentro em breve dar á estampa.

Estes sermões acham-se impressos em latim,

n'uma edição do seculo XVI feita em França, e estão sendo verificados para portuguez, por João de Deus, Dr. Santos Valente e Francisco de Almeida.

Ao nosso particular amigo e collaborador d'este periodico, sr. Francisco d'Almeida, devemos a amabilidade de nos facilitar o sermão que publicamos e que é uma primorosa traducção do texto latino

Pela leitura dos sermões de Santo Antonio, vê-se quanto elle era orador expontaneo e improvisador, pois os sermões que deixou, são simples esboços ou apontamentos que completava no pulpito.

Entretanto esses esboços são primores de oratoria e a quem lêr os sermões do padre Antonio Vieira, parecerá que o celebre jesuita, mestre da nossa lingua, se inspirou e estudou, nos sermões de Santo Antonio.

Eis o sermão:

### SERMÃO DA SEGUNDA FEIRA DA QUARTA SEMANA

*Et tendo feito de cordas um como azorrague, os lançou a todos fóra do templo, assim como as ovelhas e os bois, e espalhou pelo chão o dinheiro dos agiotas e derrubou as mesas.*

S. João, II, 15.

Tres cousas entre outras tem aqui a fazer a graça divina, a saber:

Corrigir a transgressão commettida.  
*Tendo feito um azorrague.*

Concentrar a affeição dispersa ou perdida.  
*De cordas.*

Expellir a intenção formada.  
*Lançou a todos fóra do templo.*

Estava proxima a Paschoa dos judeus, etc.  
Como diz Santo Agostinho no livro das Palavras do Senhor, sermão 37, de grande misericórdia é não deixar sem castigo a maldade, de grande ira não a castigar. Porque, assim como Deus

de grande misericórdia nunca pôde esquecer-se de nós, assim tambem não pôde deixar de nos castigar; antes pelo contrario, quanto mais fôr offendido, tanto mais se empenha na correccção paterna, para, como pae piedoso, reconduzir o filho vagabundo. Por muitos exemplos nos é isto conhecido; mas singularmente se nos manifesta no Evangelho de hoje, em que quatro cousas se acham significadas:

A austeridade da correccção punidora.  
*Estava proxima a Paschoa.*

A maldade da paixão iracunda.  
*Responderam-lhe então os judeus.*

A benignidade do informador illuminado.  
*Deitou abaixo o templo.*

A inconstancia da adhesão claudicante.  
*Muitos acreditaram.*

No dominio da moral, que significam estes bois?

Os que vivem entregues ás deleitações do mundo, e só tractam das consolações do corpo, desprezando a alma; e esses taes são figurados por aquelles estultos mercadores de que fala S. Lucas (xiv, 19): «Comprei cinco juntas de bois».

Compram dois bois, provando a mesma compra que praticam uma loucura, visto que dão por dinheiro a sua consciencia e a sua alma.

Proverbios vi, 26: «A mulher, isto é, a sensualidade, arrebata a alma preciosa do homem.»

Esses taes andam sempre lavrando a terra como os bois, sem olharem para o céu e, como as toupeiras, vivem obcecados nas cousas terrenas e nunca levantam para o alto o seu espirito, porque o pó da affeição terrestre lhes cega os olhos.

Esses taes comem sempre as palhas com que se ha de acender a fornalha do inferno; as palhas que os filhos de Israel eram forçados a apanhar no Egypto para fabricar tijolos, isto é, obras immundas. Por onde, recozidos na fornalha do coração com o fogo de um desordenado desejo, constroem com elles habitações diversas para Pharaó, isto é, para o demonio; e além d'isso, desprezando o jugo de Deus, sujeitam-se ao jugo do inimigo de que fala o Psalmo: «Rompamos os seus laços e sacudamos de nós o seu jugo.»

E se alguma vez lhe é posto o jugo do Senhor, para que levem a lei de Deus e a arca da penitencia em que se contém a lei, recalcitram e não a levam até o cabo, como foi bem figurado no livro dos Reis (ii, 6). Deixam-n'a cahir ou a atiram ao chão, para que ella não entre na casa do Senhor, mas fique na casa de Obededon, que quer dizer *escravo sanguineo*.

Proverbios vii: «E vai atrás d'ella, isto é, da deleitação mundana, como boi levado ao sacrificio, e ignora o nescio que é arrastado para uma prisão.»

Esses taes são aquellas vacas magras que passeiam nas margens do Egypto (Genesis, 41), isto é, d'este mundo; e dizem-se magras, porque nunca se saciam os olhos dos mundanos, os quaes devoram toda a sua formosura, quero dizer, destroem qualquer obra de penitencia que tenham feito. A's vezes destroem a formosura da alma. E são sete, para significar o maior numero. Veja-se a historia.

O Senhor lançou fóra do templo com um azorrague. Azorrague, direi, feito do peccado, porque converteu em castigo o peccado d'elles, para soffrerem os effeitos da propria maldade.

Vem isto figurado no livro dos Machabeus (ii, 9), quando fala de Antiocho, que queria fazer de Jerusalem a sepultura dos judeus, arrasando a cidade e matando os seus habitantes, e destruir o templo, e subiu para o seu carro; mas foi ferido por Deus, e começaram a sahir-lhe vermes pelo corpo e a martyrizarem-n'o dores interiores, até que, cabindo do carro, se despedaçou; e mais o affligia o não poder supportar o mau cheiro do proprio corpo, e por isso, reconhecendo em si a sentença divina, exclamou: «E' justo que o homem seja sujeito a Deus, e que, quem é mortal, não queira pôr se hombro por hombro com o mesmo Deus.»

Por Antiocho se significa o pobre de merecimentos, mudo, porque nem tem palavra de confissão nem perdão de louvor, e se algum tem, a si o attribue e nada lança á conta de Deus, antes contra elle se levanta, pretendendo destruir Jerusalem e, com o seu mau exemplo, desviar os outros do bom caminho, e quer sepultar alli os que confessam a Deus e destruir culposamente o templo da propria consciencia. Para isso sobe ao carro da affeição, que o demonio impetuoso arrasta; cai porém com a vertigem da carreira, quando cobiça mais do que pôde alcançar, ou cae tambem ás vezes por desesperação. Fervilham os

vermes da consciencia que o morde; nas entranhas geram-se-lhe nauseantes cheiros para elle mesmo insupportaveis, e então finalmente é obrigado a reconhecer Deus, mas muitas vezes já tarde, como aconteceu a Antiocho.

Representam as ovelhas no nosso proposito os hypocritas. Por onde, diz o Senhor: «Guardai-vos dos falsos prophetas, que veem a vós com vestidos de ovelhas, e dentro são lobos roubadores. «Ellas pastam no deserto e nos cardaes, onde habita o lobo, e não no prado da Igreja, onde habita Christo e onde vicejam as flores dos exemplos e das virtudes.

Moralizemos:

Quanto á primeira parte, diz S. Gregorio (Moral, xxiii, 18): «Se o homem é flagellado por Deus, medite bem no processo da sua flagellação, e achará quanto ella é justa. Porque então verá como aquelle que benignamente o creou, quando não existia, o não podia ferir senão com justiça depois que o creou. Porque, como diz o mesmo santo (xx, 27), o Senhor não estende a sua mão para aniquillar os peccadores, quando, ferindo-os, os afasta do peccado e os livra da queda, mas sim, para os salvar.

Dois comtudo são os modos, diz o mesmo santo (xxviii, 12), por que Deus flagella o homem. O primeiro para lhe perdoar. «Eu aos que amo, corrijo e castigo» (Apoc iii). O segundo, perdendo-o, para lhe não perdoar, quando a correccção lhe não serve de emenda. «De ferida de inimigo te tenho ferido com cruel castigo.» (Jerem. xxx, 14). E por isso o propheta diz: «Porque eu estou preparado para os flagellos.»

Bois — lascivia descoberta.

Coelhos — malicia encoberta.

Pombos — estolidez enganada. Oseas (vii). «E se tornou Ephraim como uma pomba enganada sem ter intelligencia.»

Nota. A pomba faz o seu ninho em qualquer mez. Mez deriva-se de *mensis* e esta de *mene*, que significa *falta*. E assim os nescios fazem o seu ninho e creação em falta, e sempre n'ella criam, menos que não vejam que lhes são roubados os merecimentos, assim como as pombas quando vêem que lhes são roubados os ovos, etc.

Trad.

Francisco de Almeida.

## O NOSSO RETRATO DE SANTO ANTONIO



RETRATO de Santo Antonio que hoje damos á estampa é copia de um quadro que existe em Lisboa e pertence ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Maximo Lopes de Carvalho que muito obsequiosamente nos deu noticia d'elle e permittiu o copiassemos para o OCCIDENTE.

A semelhança que este quadro tem com outro existente em um altar, que está á entrada da igreja de Santo Antonio da Sé, e que passa por ser o retrato mais authentico do Santo, levou-nos a dar-m'os-lhe a preferencia de o reproduzir n'estas paginas.

Segundo reza a tradição, o quadro é copia, a oleo, de um antiquissimo *fresco*, existente em uma das principaes cidades da Italia, n'uma igreja, e trouxe-o para Portugal, no seculo passado, o embaixador José Galvão de Lacerda Botardo e Pira, fallecido em 1795, que o legou a Antonio Maximo Lopes; transmittindo o, este ultimo, — depois a seus herdeiros, cuja propriedade ainda hoje é.

Ao fundo do painel, em plano distante, está representado um dos milagres do Santo: — está prégando aos peixinhos.

Com manifesta intenção de fidelidade, o pintor, em sua copia, conservou, á imagem do Santo, o nimbo dourado em volta da cabeça; circumstancia que aliás se observa em quasi todos os *frescos*, retabulos e paineis a tempera do seculo XIII, e que os pintores, n'aquella época, imitavam ainda (e vieram aliás imitando) dos *icones* byzantinos e dos frizos e nembos de arcadas dos edificios lombardos. Conservou-se esta pratica, entre nós, até muito tarde; apparece em quadros já dos fins do seculo XVI, segundo tivemos occasião de observar no mosteiro de Arouca, e em alguns conventos do Alemtejo e outros logares e manteve-se apesar da transformação deploravel que o gosto mais eclectico e a esthetica pagã da renascença operaram na arte christã.

A moldura que inscreve a nossa reproducção

do retrato é composição expressamente executada pelo sr. J. R. Christino, que adoptou, mui judiciosamente, o estilo romanico, inspirando-se em elementos ornamentaes existentes na Sé de Lisboa.

Todavia a commissão organisadora dos festejos, induzida provavelmente, já pela superior virtuosidade artistica, já pela physionomia abstractamente formosa de outra imagem, mais conforme de certo com o gosto decadente e pervertido senso artistico da época em que vivemos, julgou dever reproduzir de preferencia um quadro, que, a titulo de véra effigie do Santo, existe em S. Roque. Nós, porém, movidos pelas circumstancias que adduzimos, e atrentando tambem no estylo da pintura e no caracter mais archaico da imagem, muito mais approximado sem duvida, dos ideaes mysticos da primitiva escola italiana — preraphaelina — e, portanto, tambem da época em que viveu Santo Antonio em Padua, quer-nos parecer, que não andamos muito errados attribuindo ao documento que hoje damos a publico, caracter de maior authenticidade.

P. S.



SANTO ANTONIO

COPIA FIEL DE UM QUADRO DO SEculo XIV PERTENCENTE AO EX<sup>mo</sup> SR. ANTONIO MAXIMO LOPES DE CARVALHO, D'ONDE FOI EXTRAHIDO O RETRATO QUE VAE PUBLICADO EM SUPPLEMENTO

## UMA CARTA DE SANTO ANTONIO A SEU PAE

**C**OPIAMOS esta carta do livro intitulado: *EXERCICIO QUOTIDIANO para os treze dias do glorioso Portuguez, e nosso cidadão o Senhor S. Antonio, accrescentado com o Epitome Genealogico de sua illustrissima ascendencia, e prodigiosa vida: noticia previa da existencia de seus sagrados ossos; e da primeyra imagem e irmandade, que em o Reyno de Portugal se lhe erigio, dedicado á serenissima Princeza do Brazil nossa senhora pela Irmandade dos Nobres, que ao mesmo tempo Santo serve em a real Igreja do Convento de S. Francisco de Lisboa Occidental na Officina de Miguel Rodrigues. M. DCC. XXX. Com todas as licenças necessarias.*

O auctor do livro apresenta a carta muito naturalmente, no intuito de confirmar que os paes de Santo Antonio moravam como elle diz: «no sitio chamado naquelle tempo Pedreyra da Sé como consta de huma carta da letra do Santo escrita de Coimbra a feu pay, a qual existe no Archivo do real Convento do Carmo desta Corte, onde a vimos.»

Como se sabe o terramoto de 1755 destruiu o archivo e com elle o precioso authographo.

### SOBRESCRITO

*Darfã a meu Padre Martim de Bulhon*

† *q̄ hé a a pedreyra na See de Lisuoa* †

CARTA

*Senhor Padre me folgo mū q̄ beẽ ajades de faude, q̄ ó Senhor le rogo beẽ por ella, eo graças á el Señor bõo aõo.*

*Por Frei Anton obe da bossã letera, e q̄ me dades conta do desbenturado finamento da fons' Pires, nõ se aguardaba q̄ otro al faga mais bõo porq̄ sã mū semelhantes los acabamentos a los comejos. Se las palabras com q̄ me dizedes senhor finõ saidas forõ de munta dor de peccados, boõ benturado del, malo q̄ beẽ certo he, nõ pode aber bõ contrito dõ nõ obee tẽpo da conhõfensa da morte, se nõ quando daba aldabones a la porta para sahir a hora.*

*Com q̄ mãfilha i amargor se vido o pasageiro em longos biages si le mengão os manteres, e nõ ha a que uolberse a*

O obsoleto da lingua e o archaico da graphia d'esta carta, não permittirão, talvez, á maioria dos leitores o intendel-a facilmente, por isso lhe apresentamos a seguinte:

INTERPRETAÇÃO EM LINGUAGEM CORRENTE :

*Dar-se-ha a meu pae Martim de Bulhões que é a Pedreira da Sé.*

*Sr. pae folgo muito que tenhaes boa saude, que ao Senhor rogo bem por ella. Eu graças ao Senhor ando bom. Por fr. Antão tive carta vossa em que me daes conta da triste morte de Affonso Pires, e nem se esperava outro fim melhor porque são muito semelhantes os fins aos começos. Se as palavras com que me dizeis morreu, saídas foram de muita dor de peccados, bem aventurado d'elle, ainda mal que, bem certo é não poder haver bõa contricção se só*

*houve tempo de conhecer a morte quando dava argoladas á porta para sahir a hora.*

*Com que dor e amargura se vê o passageiro em longas viagens se lhe saltam os mantimentos e não tem a quem se torne a pedil-os, e quando lh'os querem dar já lhe não servem de proveito porque não são de modo a que bem lhe façam. E' como aquelle que deixa para o derradeiro passo da vida a cura da alma quando, não sentindo como a tem ferida, jaz na flagelação e tortura que causam os espinhos d'este valle de lagrimas, e, não vendo o seu perigo se deixou ir, e só o sentiu depois quando não achou dõ, e, nem a misericordia do Senhor lhe poudo valer, porque a sua justica tomara conta do mesmo, que não se livrou quando podia para não cahir como os necios; mas graças a Deus por tudo, porque profundos são os seus juizos e rogo-vos pae tambem lh'as deis, e que vivaes com cuidado em vós para que se-*

*pedirfe los, e se darfe los querẽ já nõ le son de proueito porq̄ nõ sã de guiã q̄ beẽ le faja; tal otro q̄ aguarda para lo proster paafo da vida a cura da alma quando nõ sentido haa como chagada já i amanfilhada i aspraguda dos abrolhos por dõ neste baal de lagrimas se leixou hir a rodar nõ bendo o seo peligro nõ aũ sentindolo se nõ apos se beer o nõ ber axar dõ nõ la misericordia do Senhor le pode baler porq̄ tem la sua justifa tomado carrego da preitezia q̄ nõ libõo quando podera por nõ cahir no logo dos necios, mas de todo a Deus graças, q̄ escuros son los seos juizos, e bos rogo Senhor se las deis, e bibades com muita cuta e bos porq̄ sejades de los seos escolhidos, e me dade la bossã bensõ e la ajades del para q̄ largada esta venda do mundo nos bejamos na sua Jeruzalem santa amen. Dante em Coimura a xx andados de Janero era de m-c-c x-x-ix.*

†

*Fijo de bossã bẽsõ  
Fr. Antoyno Bulhon.*

†

*jaes dos seus escolhidos e dae-me a vossa benção e a tenhaes tambem d'Elle para que, deixandõ a cegueira do mundo, nos vejãmos na sua santa Jerusalem. Assim seja.*

*Datada de Coimbra a 20 de Janeiro de 1259 (que, sendo da era de Cesar, corresponde ao anno de 1221 da era de Christo).*

*Filho da vossa benção. Fr. Antonio de Bulhões.*

### Aviso

Este numero é acompanhado de um supplemento gratis para todos os srs. assignantes. Preço do supplemento, avulso 100 réis com o n.º 200 réis.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37